



ENTREVISTA

“Responsabilidades sobre o plágio acadêmico”

Eli Lopes da Silva

Desde o primeiro semestre de 2022, o Conselho Editorial do IFSC, em conjunto com a Coordenadoria de Publicações, vem promovendo a série formativa “Diálogos Acadêmicos”. A iniciativa tem por objetivo promover debates virtuais visando qualificar processos editoriais. As palestras são transmitidas pelo canal do IFSC no Youtube, com a perspectiva de promover um intercâmbio com pesquisadores e leitores do Portal Periódicos do IFSC. A presente seção é um espaço de diálogo para aprofundar alguns tópicos que surgiram no debate “Diálogos Acadêmicos: o fantasma do plágio com a má conduta na escrita científica”, conduzido pelo Professor Eli Lopes da Silva.

Eli Lopes da Silva é Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2016) e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2006). É membro do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC), Editor de seção da revista Caminho Aberto, além de professor no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Eli fala à Revista RTC sobre os aspectos relacionados ao plágio acadêmico, o papel do docente na condução de seus orientandos, a influência de fatores externos que podem potencializar o plágio, bem como apresenta dicas práticas para combater essa conduta.

Revista RTC: O plágio consentido é uma realidade no âmbito acadêmico em que os orientadores simplesmente fazem revisões do texto e não colaboram ativamente na construção do conteúdo da obra de seu orientando. Considerando sua experiência, como lidar com essa situação?

Eli Lopes: Esta é uma pergunta muito boa que, de certa forma, traz em seu bojo um indicativo de resposta. Primeiramente, porque podemos dizer que o “consentimento” para o plágio é dado a partir do momento em que há negligência do orientador quanto à escrita acadêmica do estudante. Em segundo lugar, e queremos crer que essa seja uma exceção, é que temos casos de orientadores que de fato exercem minimamente o seu papel na orientação. Como não há uma resposta única de como lidar com a situação, pensamos em dicas que dependerão da mediação do orientador e da resposta do estudante, baseadas em quatro situações.

Situação 1 – Orientador e estudante diligentes: o orientador e estudante estão sintonizados. Nesse caso, orientador participa ativamente do trabalho e acompanha a escrita. Em casos como esse, dificilmente há plágio. No início da orientação, se algum caso é identificado, logo ambos tratam de corrigir e mais tarde o orientador deixa o estudante mais livre quanto à escrita.

Situação 2 – Orientador diligente e estudante negligente: situação na qual o orientador é proativo, mas há poucas ou nenhuma resposta por parte do estudante. O plágio pode até ser inevitável, porque o orientador, embora ciente do seu papel de coautor, não vai escrever o trabalho para o aluno. Mas ele tenta evitar e cuida para que não aconteça.

Situação 3 – Orientador e estudante negligentes: apesar de consideramos pouco comum, há casos em que orientador e estudantes não estão nem um pouco preocupados com a questão da escrita acadêmica. É como se o plágio não pertencesse ao mundo deles. Em casos assim, somente um membro externo, como a banca que valida o trabalho ou o bibliotecário onde a obra será publicada, para “dar um toque” e solicitar correção.

Situação 4 – Orientador negligente e estudante diligente: esta situação talvez seja a que mais se aproxima da pergunta que nos foi feita. Quando orientador não participa ativamente da construção do

conteúdo, o estudante, ainda que seja proativo, corre mais o risco do plágio, principalmente por desconhecimento de normas, de código de ética, inexperiência e outros fatores.

Por fim, o desconhecimento da norma para citações é um fator que gera muitos casos do tal “plágio não intencional”, que não deixa de ser plágio.

Revista RTC: Nos últimos anos, o conhecimento científico vem sofrendo com as regras da mercantilização, uma das consequências desse cenário é o produtivismo acadêmico. Em sua opinião, qual o impacto da supervalorização da produção científica ao discutir plágio?

Eli Lopes: A questão do produtivismo acadêmico, que sabemos muito bem ser um problema sério, pois há casos em que estudantes são obrigados a produzir um artigo por disciplina cursada e ainda publicá-lo, pode ser um aspecto que conduz ao plágio. Se não há algo relevante para apresentar, é melhor não publicar. Nessa perspectiva, acreditamos que o produtivismo acadêmico está muito mais ligado às produções de artigos pobres em conteúdo, que propriamente com plágio.

Revista RTC: Ainda sobre os aspectos que influenciam o plágio, cita-se a internet que facilitou o acesso às formas de comunicação científica, mas, por outro lado, a acessibilidade das informações on-line teve impacto nos casos de plágio entre os pesquisadores. Considerando sua experiência, é possível combatermos essa prática?

Eli Lopes: O plágio não tem vínculo direto com o suporte material utilizado para a pesquisa. Há pessoas que copiam de um livro impresso e ninguém fica sabendo. Está aí um problema difícil de resolver, porque identificadores de similaridades não têm como verificar material impresso. Por isso, não funciona a frase pessoal utilizada por muitos: “eu passei o meu arquivo no farejador de plágio e estou tranquilo”. O que, de fato, não podemos negar, é que a facilidade de copiar e colar **potencializa** o plágio. E, mais que isso, há, ainda, o desconhecimento de alguns de que a cópia com pequenas alterações se transforma em paráfrase. E não é verdade. Uma paráfrase com apenas algumas trocas de vocábulos é igualmente plágio. Se não fosse, qualquer um poderia escrever sobre todo e qualquer assunto, pois bastaria mudar uma palavra ou outra, se passando como interpretador dos textos lidos, o que constitui, em nossa opinião, uma traição ao leitor. Não podemos negar, entretanto, que o uso de bons *softwares* identificadores de similaridades permite minimizar o problema do plágio de materiais *on-line*.

Revista RTC: Na perspectiva do combate ao plágio acadêmico, quais são as dicas práticas que o professor orientador pode adotar para identificar o plágio?

Eli Lopes: Retomaremos a resposta que demos à pergunta de número um. O professor orientador, que realmente exerce seu papel, consegue trazer o aluno para junto de si, que é o caso da “situação 1. Orientador e estudante diligentes”, ou seja, ambos agem proativamente, sobretudo em relação ao plágio.

Nas outras três situações (Situação 2 – Orientador diligente e estudante negligente; Situação 3 – Orientador e estudante negligentes; e Situação 4 – Orientador negligente e estudante diligente) há grandes chances de trabalho com qualidade ruim, o que pode incluir casos de plágio.

Nossa dica, em especial aos orientadores, é a seguinte: não assumir uma orientação se não tiver tempo, disposição ou conhecimento para mediar adequadamente o estudante, tanto no conteúdo quanto na escrita. O papel de orientador coincide com o de um mediador para a construção de conhecimento, não ao de um chefe.

Por Charlene da Silva, Presidente do Conselho Editorial do Instituto Federal de Santa Catarina.